

Nas classes da Unicamp eles são alunos; no mundo do voluntariado, professores

Mestres em cidadania

PERSONAGENS

"Nas primeiras aulas, eu não sabia nada de nada. Hoje já sei ler um monte de coisas e também escrever",



lembra dona Josefa, uma espécie de "mascote" do Movimento Abrindo Portas (MAP). Mulher risonha e extrovertida, já lê livrinhos de histórias infantis "desde que não sejam muito grossos". Até os 10 anos, as interrupções nos estudos eram frequentes. "Entrava e saía", conta. Por um longo tempo, dona Josefa nunca mais pisou numa escola, até que há três anos retomou o antigo sonho e começou a frequentar o MAP. "O que eu não aprecio muito é que eles [os professores] dão coisas que às vezes a gente não quer saber; coisas que acontecem no estrangeiro. Prefiro ler coisas que falem do nosso país", diz.

Dona Josefa admite que os serviços domésticos tomam quase todo o seu tempo, mas quando pode pega lápis e papel e tenta, com gestos lentos e infantis, desenvolver uma pequena redação, que ela chama de "história". Num caderno de lição de casa, escreveu: "Os outros pássaros vieram em bandos e tentaram socorrê-lo, mas não puderam fazer nada, lamentaram a perda da mais bela música até então ouvida. Agora, quando a floresta está triste, todos sabem que é porque iurutaíu está cantando". Tal pássaro que não existe. Mas está lá na sua imaginação, que agora já expressa por meio da escrita.

Ponto-e-vírgula

Maria Ribeiro de Oliveira, 70 anos, mãe de cinco filhos, residiu em Rio Branco, no Acre. Aos 10 anos, frequentou a escola por curto período e, aos 58, fez novas incursões, mas depois nunca mais tocou num lápis. Bem articulada e boa de prosa, dona Maria voltou a estudar por sugestão de dona Josefa, quando fazia ginástica no salão da Igreja de Santana. Comprou lápis, caderno, caneta e borracha e, dias depois, lá estava a dona-de-casa na carteira, pronta para aprender.



Dona Maria agora se diverte lendo placas com nomes de ruas, rótulos de embalagens e títulos de reportagens de jornais. Mas gosta mesmo é de história do Brasil e até possui alguns livros sobre o assunto. Prefere ler porque escrever não é o seu forte. "Meu problema mesmo é a pontuação: nunca sei quando devo pôr vírgula, ponto-e-vírgula ou dois pontos. Só sei do ponto final", confessa.

O sagrado

Sobre a mesa da casa de Helena Conceição Castilho Tonello, a Bíblia Sagrada. Ela gosta de ler as mensagens sagradas quando não está às voltas com a vida doméstica. Dá graças aos professores que lhe permitiram entender melhor o que diz o Livro Sagrado. Mas diz que tem boa cabeça para fazer contas. "Tenho até certa rapidez com as contas de somar e dividir. Agora, leitura e escrita não são coisas que me agradam muito, não". Quando escreve, sempre deixa faltar alguma letra. Outras vezes, fica na dúvida entre usar "s" ou "z". Detalhe quase insignificante para quem está concretizando um sonho escrito com 'esse' maiúsculo.



MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br
ANTONIO ROBERTO FAVA
fava@unicamp.br
RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

Para Josefa Maria da Silva, juntar letrinhas, compor palavras e frases e depois ler o que foi escrito nunca passou de um sonho. Aos 77 anos, mãe de sete filhos, esta alagoana de Palmeiras dos Índios está prestes a transformar o que antes era uma idéia vã em realidade. Dona Josefa integra o grupo de alunos que frequen-

Pelo menos 20 grupos de professores e alunos atuam em projetos comunitários

ta os cursinhos de alfabetização ministrados por alunos da Unicamp. "Dentro de pouco tempo, quero mandar cartas para parentes e amigos, coisa que eu sempre quis e nunca consegui", afirma ela, com o entusiasmo próprio daqueles que tomam gosto pelas descobertas.

O esforço para apresentar dona Josefa e seus colegas de classe ao maravilhoso mundo da escrita e da leitura é uma das muitas ações voluntárias executadas pelos estudantes da Universidade junto à comunidade. Os trabalhos vão da oficina de artes plásticas junto a crianças carentes ao compartilhamento de experiências de organização rural com pequenos produtores agrícolas. Todos, porém, convergem para um mesmo objetivo: a promoção da cidadania.

As atividades desenvolvidas por calouros e veteranos têm um largo alcance social, como reconhecem os beneficiários e os próprios voluntários. Seria difícil, porém, traduzi-las em números frios e exatos. Uma das razões dessa dificuldade está na gênese do trabalho. Por não exigir qualquer tipo de gratificação, além da satisfação por estar contribuindo para a criação de uma sociedade menos desigual, os estudantes normalmente não fazem marketing de suas ações. Alguns calculam que existam, hoje, cerca de 20 grupos atuando nas mais diversas áreas. "Mas esse número pode ser maior, uma vez que alguns grupos sequer se conhecem", afirma o professor Sandro Tonso, do Centro Superior de Educação Tecnológica (Ceset), que tem coordenado várias atividades de extensão comunitária.

Tonso destaca que já são dados passos importantes para melhor interação entre as equipes. Em 2002, um Congresso de Extensão possibilitou aos "agentes comunitários" trocar experiências. Além disso, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) promove periodicamente reuniões entre os grupos. "O esforço é para sistematizar as ações. Acredito que as discussões estão amadurecendo", opina.

Os ganhos proporcionados são amplos e significativos. "Ganha o público alvo do trabalho, porque passa a ter o seu universo de conhecimento ampliado. Ganham os alunos, que alcançam uma formação que não encontrariam normalmente nas disciplinas formais. Por fim, ganha a cidadania, pois fica estabelecido um diálogo rico entre



Alunos da Unicamp no trabalho de alfabetização de adultos: incluindo quem não pôde estudar no universo da leitura

culturas diferentes, que são a popular e a científica", analisa o professor.

Sandro Tonso considera que instituições como a Unicamp são muito competentes na produção de conhecimento, mas que o mesmo ainda não

ocorre quando se trata da produção em parceria com a sociedade. "Uma parte importante do saber nasce dessa interação", diz. As atividades comunitárias dos estudantes não implicam em nota, mas podem resultar em créditos

acadêmicos e, em alguns casos, em concessão de bolsas. "Mas existe um movimento nacional em favor da flexibilização curricular para incluir a disciplina Trabalho Comunitário na grade da graduação", informa.

Adultos aprendem mais que rudimentos da escrita

O Movimento Abrindo Portas (MAP), que atua no distrito de Barão Geraldo, onde a Universidade está localizada, é formado por estudantes das mais diversas áreas. Sua tarefa é alfabetizar jovens, adultos e idosos. Atualmente, mantém duas turmas: uma no período da manhã, no salão paroquial da Igreja de Santana; e outra à noite, na Moradia Estudantil. São 22 "aprendizes", com idade entre 15 e 83 anos.

Francisco Carneiro de Filippo, formado em economia pela Unicamp, é um dos doze professores do MAP. Segundo ele, a alfabetização dessas pessoas precisa ir além dos rudimentos da escrita e leitura. "Para alunos com esse perfil, constatamos que apenas conhecer as letras e formar palavras não corresponde às suas necessidades, nem às suas potencialidades como leitores, trabalhadores e cidadãos. Também temos que ajudar a desenvolver o espírito crítico e a capacidade de reflexão e de exposição de opiniões, de modo a estimulá-los a transformar o meio social em que vivem", afirma.

A alfabetização no MAP está fundamentada no método do educador Paulo Freire (1921-1997), cuja meta, além de ensinar a ler e escrever, é desenvolver uma visão crítica da sociedade a partir do uso de palavras e temas ligados à realidade do aluno. Nas classes há alunos de níveis diferentes. Existem os que já sabem ler e escrever, mas pre-

cisam melhorar a escrita ou ler com um pouco mais de velocidade. E os que estão no início do aprendizado, com os quais os professores trabalham menos a temática e mais o processo de alfabetização propriamente dito. "Procuramos evitar textos para decorar. Quando eles começam a associar as letras e formar sílabas, ao invés de treinarmos a escrita via ditado, preferimos usar as manchetes de jornais ou outras ferramentas do dia-a-dia, como a leitura de rótulos de embalagens", explica Filippo.

Cursinho – Lígia Lopes Gomes, estudante do 4º ano de Ciências Sociais, e Paulo Roberto Jansen, do 3º ano de Matemática, são os responsáveis pelo cursinho Vivência Educacional de Jovens e Adultos (Veja). Eles explicam que há autonomia por parte dos educadores em relação à técnica e aos métodos de ensino aplicados. "Cada professor tenta desenvolver seu método. É lógico que, antes de tudo, ele precisa conhecer bem a matéria que vai lecionar", explica Paulo Roberto.

"Outro ponto importante é gostar de dar aulas e ter habilidade para lidar com pessoas de



Paulo Roberto Jansen e Lígia Lopes Gomes: exigência para o voluntariado é gostar de ensinar

diferentes níveis culturais e conhecimentos", acrescenta Lígia. As aulas do Veja também são inspiradas na metodologia de Paulo Freire. Atualmente são dez alunos, com idade entre 23 e 53 anos. Alguns pararam de estudar há cinco, outros há dez ou trinta anos, o que provoca considerável desnível de conhecimento, especialmente no conteúdo de português.

Lígia, que ensina inglês, conta que a sua turma começou com trinta alunos e esse número foi diminuindo. Motivo: devido às atividades profissionais ou domésticas, nem todos têm disposição para acompanhar as aulas. "A gente procura estimular a participação, tornando as aulas mais agradáveis. Os resultados têm sido bons", avalia Lígia.

Foto: Antoninho Perri

Fotos: Neldo Cantanti

ALGUNS GRUPOS DA UNICAMP

Citar todos os grupos de alunos da Unicamp que executam ações comunitárias seria impossível, como advertiram os próprios voluntários. Qual quer relação, por mais extensa que seja, sempre correrá o risco de cometer omissões ou injustiças. Certos trabalhos são citados de forma recorrente por quem está envolvido no esforço pelo resgate e valorização da cidadania. São eles: Xô Dodói, Hospitalhaços, Mano a Mano, Instituto de Pesquisas e Estudos para a Sociedade (Ipes) e Sonha Barão.

Projeto	Atividade	Contatos
Sonha Barão	Atua em diversas frentes de trabalho, entre elas auxílio na revitalização da Sociedade Amigos de Bairro de Barão Geraldo, na implementação e início de trabalhos da Cooperativa de Material Reciclável, no diagnóstico sócio-ambiental do distrito e em questões do meio ambiente (Mata de Santa Genebra, águas, transporte)	Professora Maria Salette M. Aquino Giuliano: salette@unicamp.br , 3287-0200
Universidade Solidária	Projetos em conjunto com a Prefeitura de Campinas, envolvendo estudantes com o objetivo de criar cooperativas de trabalho para a diminuição dos índices de desemprego, uso e aproveitamento da água, cursos para capacitação de professores de escolas públicas e a implementação do ensino técnico	Professores Sandro Tonso e Celso Lopes: 3788-7773
Instituto de Pesquisas Especiais para a Sociedade	Desenvolver projetos que visem utilizar o conhecimento científico em benefício direto para a sociedade em geral e mais particularmente para as populações com menor poder aquisitivo. Dentre os projetos estão o Comunidade Saudável no Jardim São Marcos e Saúde da Família em Pedreira.	www.unicamp.br/preac/ipes
Arte e exclusão social com moradores de rua	Trabalho comunitário com moradores de rua, frequentadores da Casa dos Amigos de São Francisco de Assis.	3788-4714
Raio de sol	Oferece cursos e oficinas envolvendo capacitação técnica, saúde, meio ambiente, esporte, cultura e lazer a moradores de bairros da periferia de Campinas	www.preac.unicamp.br/raiodesol/index.htm
Hospitalhaços	Atividade circense com apresentações em hospitais, escolas e centros comunitários	www.preac.unicamp.br/hospitalhaços/index.htm
Organização Rural de Agricultores Familiares de Campinas	Orientação para pequenos agricultores na organização e formação de associações	Professor Nilson Modesto Arraes: nilson@agr.unicamp.br , 3788-1061/1017
Grupo de Pesquisa O Clown	Apresentações livres e exibições oficiais voltadas para a performance do clown. Contam com assessoria do Grupo Lume	Claúdia Funchal: (19) 9602-2106
Mano a Mano	Atividade de arte-educação com meninos e meninas de rua no centro de Campinas. Promovem manifestações artísticas, culturais e musicais.	Simone Fragella (3288-0523) ou Mônica (3208-0528): manoamano@yahoo.com.br
Movimento Abrindo Portas (MAP)	Alfabetização de adultos na Moradia Estudantil e na comunidade de Barão Geraldo	Francisco de Filippo: filippo@eco.unicamp.br
Araticum	Trabalho junto ao assentado em Sumaré	Pedro:3287-6738
Libertadores do Riso	Apresentações de clown. Atuam junto a ONG Warã	João Mendes: 3289-4989
Trilhares	Contadores de histórias	Fernanda (3287-6738) ou Alice (9772-0825)
Plantas e Poesia	Intercâmbio com projetos da ONG Warã	Sebastião: 3289-3730 (recados)
Xô dodói	Apresentações de clown para crianças em hospitais, escolas e centros comunitários. Realização de campanhas para arrecadação de brinquedos.	www.hc.unicamp.br/xododoi/
Grupo Veja	Alfabetização de adultos	Lígia Lopes Gomes: friotempestade@bol.com.br
República Cênica	Formado por alunos de pós-graduação do Instituto de Artes da Unicamp, leva atividades artísticas a comunidades que não têm acesso aos circuitos regulares, atuando nos bairros do Jardim São Marcos, Santa Lúcia e Vila Rica e no distrito de Joaquim Egídio.	Fernando ou Ana Carolina: 3254-6765



Estudantes e produtores na plantação de figo: aprendendo a se organizar para reivindicar direitos e elevar a produção

Projetos levados às ruas, aos hospitais e ao campo

O trabalho voluntário dos alunos da Unicamp não se restringe à alfabetização de jovens e adultos. Existem grupos desenvolvendo uma série de atividades (veja quadro) junto a um público formado por moradores de rua, crianças carentes, pacientes do Hospital das Clínicas (HC) e até pequenos produtores rurais, entre outros. Um desses projetos, criado em abril de 2001, leva o nome de Raio de Sol. Formado por alunos, funcionários e professores, tem por objetivo fomentar a construção da cidadania, além de difundir os conhecimentos produzidos no âmbito acadêmico.

O Raio de Sol atua na região do Jardim Fernanda, bairro periférico de Campinas. Propicia atividades de cultura, lazer, esporte e formação aos moradores, por meio de cursos e oficinas. Em dois anos, foram realizados cursos de artes plásticas, capoeira, culinária, ginástica e consciência corporal, teatro e outros. Oficinas como as de "Saúde da Mulher" e "Mulher – questão de gênero". Também foi organizado um passeio cultural. As atividades contemplaram crianças, jovens e adultos.

De acordo com a coordenadora Fumiko Takasu, professora do Centro de Ensino de Línguas (CEL), a despeito de alguns obstáculos, como a falta de experiência inicial em trabalhos de extensão comunitária, a empreitada tem sido positiva. Embora o Raio de Sol tenha sido um dos projetos a receber apoio institucional, segundo a professora, esse tipo de iniciativa ainda se ressentia, historicamente, de suporte mais amplo para funcionar adequadamente. "Mesmo sem ter problemas com a questão econômica, a dificuldade de trabalhar em projetos dessa natureza é bastante grande. Imagine, então, os que precisam pensar estratégias de ação e ainda se preocupar com a obtenção de recursos?", indaga.

"Historicamente, a Universidade está muito voltada para as suas próprias questões, esquecendo a sua função extensionista, comunitária. O esta-



Palhaço e paciente no Hospital das Clínicas da Unicamp: atividades lúdicas que aliviam os transtornos do tratamento

belecimento de vínculos com a comunidade externa é muito importante, pois é por meio dele que podemos compartilhar o conhecimento que é gerado nos nossos laboratórios e salas de aula", acrescenta a docente do CEL.

Agricultores – O professor Nilson Modesto Arraes, da Faculdade de Engenharia Agrícola (Feagri), concorda com a professora Fumiko. Segundo ele, que coordena o projeto Organização Rural de Agricultores Familiares em Campinas, a extensão comunitária jamais mereceu o mesmo tratamento dado ao ensino e pesquisa por parte da Universidade. "Ela premia e estimula a pesquisa e o ensino, mas não faz o mesmo com a extensão comunitária, que também é um dos seus pilares de atuação", lamenta.

Arrees afirma que os trabalhos sociais sobrevivem graças à paixão de alunos e professores. O projeto coordenado por ele começou a ser executado em meados de 2002. A primeira etapa consistiu em capacitar a equipe. "Quem faz trabalho social tem muito voluntarismo, mas nem sempre está devidamente preparado para isso. Se não houver cuidado com a profissionalização, a tarefa pode mais atrapalhar do que ajudar", adverte.

Capacitados, os integrantes dedicaram-se a buscar informações sobre a área rural, relativamente abandonada pe-

las sucessivas administrações municipais. Estudaram mapas, dados estatísticos e mantiveram contato com órgãos e instituições como Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati). Depois, saíram a campo para conhecer a realidade dos pequenos produtores rurais. Todo esse processo visou identificar os grupos de agricultores, bem como as suas demandas, de modo a verificar como o projeto poderia ajudá-los.

Descampado – A área escolhida para a execução das atividades extensionistas é conhecida como Descampado, na faixa sul de Campinas, às margens da rodovia Viracopos-Vinhedo. Lá, perto de 30 agricultores dedicam-se ao cultivo de uva, figo e goiaba. No pré-diagnóstico, os ruralistas manifestaram interesse em se organizar melhor, como forma de sensibilizar o poder público para seus pleitos e aprimorar as atividades de produção e venda de seus produtos.

A partir de agora, estarão sendo propostas ações aos pequenos produtores. O Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) já se comprometeu em participar do projeto, oferecendo um curso de Organização Rural. "Esse tipo de trabalho é importante, pois além de ajudar a reduzir desigualdades, aprimora a formação dos estudantes, que podem associar a teoria à prática", explica o professor da Feagri.

Trabalho social também pede capacitação